

O poder hermenêutico do acontecimento e os media

MOISÉS DE LEMOS MARTINS*

1. O naturalismo: entre a descontinuidade e a harmonia

A ideia de acontecimento prende-se em Quéré ao conceito de identidade (em torno do qual gira a lógica de Aristóteles) e ao conceito de contradição (que tem a lógica hegeliana como pedra angular). O acontecimento é, então, *facto* singular e *sentido* novo, «uma fonte autónoma de sentido e de inteligibilidade», sendo portador de um «poder hermenêutico», um «poder de revelação». Nestas condições, o acontecimento abre a uma descontinuidade no tempo e no espaço, impondo-se aos sujeitos, às suas «razões de agir, motivos e interesses».

Penso, no entanto, que, ao estruturar a sua «experiência individual e colectiva», é a ideia de conciliação que acaba por prevalecer sobre a ideia de descontinuidade. O ponto de vista hermenêutico de Quéré decorre, por um lado, da tradição kantiana, pela exaltação de uma estética da vida, à maneira de Bergson e Simmel, e, por outro lado, do hegelianismo, seguindo tanto o cognitivismo de Gadamer como o pragmatismo de Dewey. Está implícita na ideia de acontecimento de Quéré um ideal de harmonia, de regularidade e de unidade, orgânica e cósmica. Embora *facto* disruptor e gerador de conflito, luta e dor, o acontecimento em Quéré supõe uma paz vindoura, um momento irénico, em que o conflito, se não é definitivamente suprimido, é pelo menos temporariamente suspenso.

2. O paradigma da intersubjectividade: cognitivismo e pragmática

A proposta que Quéré nos faz de acontecimento, salientando a sua dualidade, entre *facto* e *sentido*, faz-me lembrar o caminho de que nos deu conta há cerca de dez anos, quando

entreviu, na pegada de Habermas, «uma antropologia alternativa para as ciências sociais» (Quéré, 1996), com a aplicação à análise social do paradigma da intersubjectividade, fundado em G. H. Mead e A. Schütz, e a deslocação do quadro da relação entre a descrição e a explicação.

A ontologia da sociologia clássica havia convertido em entidades: indivíduos, sociedades, grupos, actores individuais e colectivos, classes, nações; e de igual modo *factos*, acontecimentos, acções, condutas e tudo o que permite explicá-los e justificá-los; sem esquecer estruturas sociais, estruturas da personalidade, normas, regras, significações, valores e cultura. A passagem para o paradigma intersubjectivo tinha como intuito dessubstancializar estas entidades. Nesse sentido, acentuava o *facto* de elas serem constituídas pela linguagem e associava a construção da objectividade e da subjectividade à existência de uma comunidade de linguagem e práticas.

Deste modo, tematizadas na base das crenças antropológicas da «epistemologia», ou seja, na base das premissas individualistas da consciência,

* Universidade do Minho, Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (CECS).

a objectividade dos factos sociais, a estabilidade da ordem social e as regularidades observáveis das condutas sociais eram uma coisa. Mas seriam coisa diferente se as tematizássemos sem capitular diante do «mito do dado». No contexto do paradigma intersubjectivo, a individualidade e a socialidade, a objectividade e a subjectividade, a inteligibilidade e a comunicabilidade seriam tomadas como emergências correlativas a uma actividade social constituinte. Além disso, o mundo naquilo que tem de comum e de público seria tomado como o resultado de uma instituição. Finalmente, a oposição indivíduo-sociedade seria superada pela consideração dos processos de individuação e de sociação¹.

3. Um projecto da modernidade

Moldado pelo paradigma da intersubjectividade, um paradigma cognitivista e pragmático, o pensamento de Louis Quéré sobre o acontecimento inscreve-se no projecto da modernidade, de que faz prova a convocação de Arendt. É moderno um regime do olhar que projecte na história um propósito emancipador. O moderno tem, de facto, a animá-lo uma esperança, uma utopia, no caso, uma promessa de sentido, seja pela «contemplação» diante do «irrevogável», seja pela reconciliação com um começo e um fim inevitáveis.

Todo o projecto de modernidade é servido por uma moral do dever ser, que opere a realização das promessas formuladas. No que respeita a Louis Quéré, o propósito emancipador passa pela constituição de «campos problemáticos», geradores de acontecimentos, que tornem possíveis as soluções para os problemas em questão. Tais soluções ser-nos-ão dadas através de inquéritos, ou seja, de questionamentos, que explorem «o potencial de inteligibilidade e de discriminação dos acontecimentos». Caberá, pois, a esta «problematologia» (convoco aqui um conceito de M. Meyer) e a este questionamento, que são, a

seu modo, uma «ética da discussão, ou da comunicação» (Apel e Habermas), velar por que o desiderato emancipador se cumpra.

Para Louis Quéré, toda a actividade da vida quotidiana pode representar «uma situação problemática, ou seja, uma situação caracterizada por tensões, conflitos, contradições, ou pela discordância dos seus elementos». Quer isto dizer que toda a actividade quotidiana pode constituir-se como um «problema a resolver», estando a solução precisamente no inquérito a realizar.

Quando nos referimos ao «campo problemático público», logo pensamos nos media, que desempenham um papel essencial, embora não exclusivo, na condução do questionamento. O seu papel é decisivo na medida em que eles constituem verdadeiros «suportes da identificação e exploração dos acontecimentos, assim como do debate público, que tanto permite a elaboração de soluções como a sua experimentação».

Como vemos, no pensamento de Quéré ainda é possível sonhar com a reconciliação. A singularidade geradora do novo, que todo o acontecimento é, ainda nos faz pensar no mundo organizado como unidade e regido por uma ordem totalizadora. O acontecimento irrompe no tempo e no espaço e a nossa redenção está em acolhê-lo, *aqui e agora*, como um dom, tendo como horizonte a construção do espaço público democrático.

4. O pensamento da diferença

A ideia de Quéré sobre o acontecimento está, todavia, nos antípodas do pensamento de Nietzsche, Freud e Heidegger, que são um pensamento da diferença, e não da identidade, nem da conciliação. Na noção de diferença está presente, com efeito, um pensamento pós-aristotélico e pós-hegeliano, ou seja, um conflito maior do que aquele que é autorizado, tanto pelos conceitos lógicos de diversidade e oposição como pelos conceitos dialécticos de distinção e contradição.

¹ Nos dois últimos parágrafos, segui de perto Quéré (1996, 124-125).

Há, com efeito, no pensamento da diferença um «enredo teórico novo». O seu horizonte não é o da especulação pura. Aquilo que a diferença visa é antes o impuro do sentir, ou seja, as experiências insólitas, perturbadoras, ambivalentes, excessivas, irredutíveis sem dúvida ao princípio da identidade, e que constituem a experiência da nossa contemporaneidade. Trata-se de um sentir que nada tem a ver com as exigências de perfeição e conciliação que caracterizaram o pensamento moderno. Pelo contrário, a sua fonte de inspiração está precisamente neste género de sensibilidade aparentado com os estados psicopatológicos e os êxtases místicos, um género de sensibilidade que se manifesta nas toxicomanias e nas perversões, em situação de *handicap* e de deficiência, nas culturas ditas «primitivas» e nas culturas «outras» (culturas *underground*, culturas de subúrbio ou suburbanas, etc.) (Perniola, 1998, 7).

A tradição de Quéré não é a de Bataille, Klossowski, Blanchot, Foucault, Lyotard, Deleuze e Derrida, marcados todos pelo pensamento da diferença, e que, nuns casos, valorizam, como Nietzsche, a experiência trágica; noutros, atentam, como Freud, nas experiências negativas e perturbadoras da alma humana; noutros ainda, denunciam, como Heidegger, a ideia da invariância de uma presença plena (de um fundamento).

No seio do pensamento da diferença tem-se prosseguido também o debate sobre a técnica e o papel que as novas tecnologias, que incluem os media, têm na redefinição da cultura, ou seja, na delimitação do humano. Com a fusão da *technè* e da *bios* e a imersão da técnica na história e nos corpos, a experiência contemporânea fantasma cada vez mais a clonagem, os replicantes e os *cyborgs*, a hibridez, o pós-orgânico e o transumano.

5. O empobrecimento da experiência e os media

É este o contexto em que se têm desenvolvido e aprofundado os temas do empobrecimento da experiência e da conversão do acontecimento em

fait-divers. Por outro lado, tem-se tematizado também a relação da técnica com a estética, com os novos media, que produzem e administram emoções, a mobilizarem os indivíduos individualmente, e não em conjunto como se o público não passasse de «uma massa amorfa e indistinta». Kracauer assinalou-o bem: os indivíduos ainda podem ser vistos como «ornamento» nos filmes de Riffensthal, mas a lógica deste processo vai no sentido de a mobilização recair sobre cada um dos indivíduos, agora envolvidos, afecionalmente, um a um.

Como é manifesto, a convocação da estética no contexto tecnológico não se cinge ao recorte epistemológico desta disciplina. Fala-se de estética, sim, por relação à sensibilidade, à emoção, aos sentidos, enfim, à afecção. E é essa a razão pela qual se diz que a nova sensibilidade é híbrida. São as máquinas produzidas pela ciência que mobilizam as afecções e as monetarizam.

De um modo um tanto expedito, Quéré alude a este movimento de pensamento, que denuncia «a degradação do acontecimento efectuado no e pelo dispositivo mediático da informação» e se preocupa com «o “presentismo”, que caracteriza o “regime de historicidade” deste dispositivo e se manifesta na compreensão do acontecimento». Assinalando, é certo, que são muitos os autores contemporâneos a terem este ponto de vista, convoca apenas Benjamin e Hartog. E como nada o prende a estados de espírito melancólicos, afasta-se, decididamente, de um ponto de vista que, a seu ver, não tem nenhuma esperança a animá-lo.

Retomando, todavia, a tradição do pensamento da diferença, eu gostaria de juntar aos autores que já referi os nomes de Giorgio Agamben, Mário Perniola, Jean Baudrillard e Guy Debord. Em todos estes autores é acentuada a ideia de «crise da experiência», referida por Benjamin no seu famoso texto sobre «O narrador», mas que hoje parece em fase imparável pela sua aceleração tecnológica. Agamben fala da impossibilidade em que nos encontramos, hoje, de nos apropriarmos da nossa condição propriamente histórica, o que torna

«insuportável o nosso quotidiano» (Agamben, 2000, 20). Perniola, por sua vez, ao caracterizar a experiência contemporânea, introduz o conceito do «já sentido» e interroga-se sobre o *sex appeal* do inorgânico, que tem tanto de fascinante como de inquietante (Perniola, 1992 e 2004). Quanto a Baudrillard, conhecemos o seu conceito de realização do real como simulacro (Baudrillard, 1981). Finalmente, Guy Debord insiste no crescente processo de anestesiamento da vida, ou seja, no crescente processo de congelação dissimulada do mundo (Debord, 1991, 16).

A associação dos media à ideia de um trágico social surge, nos nossos dias, do reconhecimento da fragmentação da experiência, com o acontecimento dessorado e esvaído em novidade, em notícia, num processo de permanente hemorragia do sentido. Esta ideia alude à crise da época, ao seu mal-estar, alguns dirão, à crise da modernidade (Lyotard, 1984, 1993; Miranda, 1997, 2002). Os media exprimem a crise da época, mas aprofundam também esta crise e este mal-estar (Martins, 2002).

6. Os media e as provas da verdade, do rigor e da justiça

Enquadrado, no entanto, pelo paradigma da intersubjectividade, que é cognitivista e pragmático, como salientei, Quéré denuncia a tese do empobrecimento da experiência, em que julga reconhecer um carácter estritamente individualista. A «experiência degradada» (expressão que toma de Romano) faz supor a existência de uma «experiência autêntica»; e esta «é sempre uma experiência individual de confrontação com o acontecimento». Além disso, entende Quéré que a ideia de público dos media tem sempre «como horizonte um colectivo», ou seja, «um contexto social de apropriação e de discussão, e traduz-se pelo sentimento de pertencer a um público». Quéré acredita que, na vida de todos os dias, «as experiências singulares se transformam em empenhamentos colectivos». E vê o trabalho de informação dos media inscrito num processo de «configuração da acção colectiva

num espaço democrático, através da exploração das causas e das consequências dos acontecimentos nos diferentes campos problemáticos, e da projecção das acções que a sua ocorrência incita a empreender».

No trabalho de inquérito ou de questionamento dos campos problemáticos da experiência, os media têm, por sua vez, um papel maiêutico de produção das «provas da verdade, do rigor e da justiça». Sintetizando o seu pensamento, diria que no entendimento que Quéré tem dos media está, afinal de contas, uma função bem concordante com o seu sonho emancipatório e reconciliador.

7. Na diferença a comunidade

À guisa de conclusão, eu diria, no entanto, que o pensamento da diferença não é necessariamente individualista, como pretende Quéré. Também entendo, com Lyotard, que a nossa comunidade se consome, hoje, em melancolia, e não exprime nenhuma finalidade. Exprime apenas o seu sofrimento, «um sofrimento de finalidade» (Lyotard, 1993, 93). No entanto, entendo igualmente que o trauma provocado pelo desaparecimento da confiança na comunidade histórica, assim como a melancolia que acompanha a banalização da vida, essa vertiginosa sensação de um trágico sem tragédia, além da própria impossibilidade de anulá-los, reclamam que nos recoloquemos no horizonte de uma «comunidade a vir» (Agamben, 1993), pois é nesse horizonte que se joga a salvaguarda das possibilidades da (a)ventura humana. Concluo então com uma última palavra sobre os media. Se alguma promessa eles podem hoje realizar, será exactamente essa, a de se colocarem de raiz no horizonte de uma comunidade partilhada. ■

Bibliografia

AGAMBEN, Giorgio, 1993 [1991], *A Comunidade que Vem*, Lisboa, Presença.

- AGAMBEN, Giorgio, 1995, *Moyens sans fin. Notes sur la politique*, Paris, Payot & Rivages.
- AGAMBEN, Giorgio, 2000 [1978], *Enfance et histoire*, Paris, Payot & Rivages.
- BAUDRILLARD, Jean, 1981, *Simulacres et simulation*, Paris, Galilée.
- BENJAMIN, Walter, 1992 [1936], «O narrador. Reflexões sobre a obra de Nicolai Lesskov», em *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*, Lisboa, Relógio d'Água, pp. 27-57.
- DEBORD, Guy, 1991 [1967], *A Sociedade do Espectáculo*, Lisboa, Mobilis in Mobile.
- LYOTARD, Jean-François, 1984 [1979], *A Condição Pós-Moderna*, Lisboa, Gradiva.
- LYOTARD, Jean-François, 1993, *Moralités post-modernes*, Paris, Galilée.
- MARTINS, Moisés de Lemos, 2002, «O trágico como imaginário da era mediática», em *Comunicação e Sociedade*, Braga, NECS, n.º 4, pp. 73-79.
- MIRANDA, J. Bragança de, 1997, *Política e Modernidade. Linguagem e Violência na Cultura Contemporânea*, Lisboa, Colibri.
- MIRANDA, J. Bragança de, 2002, «Controlo e descontrolo do imaginário», em *Comunicação e Sociedade*, Braga, NECS, n.º 4, pp. 49-72.
- PERNIOLA, Mário, 1993 [1991], *Do Sentir*, Lisboa, Presença.
- PERNIOLA, 1998, «Sentir a diferença», em AA. VV., *Metamorfoses do Sentir*, Porto, Ballet teatro Edições, pp. 6-19.
- PERNIOLA, Mário, 2004 [1994], *O Sex Appeal do Inorgânico*, Lisboa.
- QUÉRÉ, Louis, 1996, «Vers une anthropologie alternative pour les sciences sociales?», in Bouchindhomme, Christian, e Rochlitz, Rainer (eds.), *Habermas, la raison, la critique*, Paris, Cerf, pp. 105- 138.

inction is based, namely, on the fact that the event has its own attribution support, contrarily to the fact that has no more than one privileged attribution support. The article from Louis Quéré sets this clivage inside of the event itself, whose duality underlines, opening the way to a fertile reflection about the different experience modalities. This approach also allows rethinking the mediatic treatment of events through an explanatory way of viewing and not any more under the way of a degraded experience. It is possible, however, to regret the limited importance that Louis Quéré attributes to the narratives on the process of events' appropriation.

Keywords: narrative, experience, subject.

O acontecimento como invenção necessária da história

José A. Bragança de Miranda

Num posicionamento que se pretende fora das filosofias do acontecimento, mas também alheio às críticas dos pseudo-acontecimentos mediáticos, propõe-se uma visão do acontecimento como uma invenção necessária da história, que se desenvolve em torno de escassos e raros acontecimentos. Estes são os efeitos de projecção de experiências originárias de catástrofe natural e de violência dos homens sobre os homens. Os hiperacontecimentos são determinados pelo desejo de terminar com eles, suportando por isso mesmo um duplo trabalho de controlo da contingência pela razão e de anulação da servidão pela política.

Palavras-chave: história, violência, corpo, acidente.

The event as a historical necessary invention

On a position that aims to be out of the philosophies of the event, but also alien to the criticisms

of mediatic pseudo-events, it proposes a vision of the event as a historical necessary invention, developed around scarce and rare events. These are the effects of the projection of experiences originated from natural catastrophe and the violence of men on men. The hyper-events are determined by the desire to end up with them, supporting therefore a double work of control of the contingency by the reason, and of cancellation of servitude by politics.

Keywords: history, violence, body, accident.

O poder hermenêutico do acontecimento e os media

Moisés de Lemos Martins

Facto singular e sentido novo, o acontecimento abre, em Quéré, a uma descontinuidade no tempo e no espaço, impondo-se aos sujeitos, às suas razões de agir, motivos e interesses. Ao estruturar, todavia, a sua experiência individual e colectiva, é a ideia de conciliação que acaba por prevalecer sobre a ideia de descontinuidade. Embora *facto gerador de conflito, luta e dor*, o acontecimento em Quéré supõe uma paz vindoura, em que o conflito é pelo menos temporariamente suspenso. Para sustentar a sua ideia, Quéré adopta o paradigma da intersubjectividade. Debato este paradigma confrontando-o com o pensamento da diferença.

Palavras-chave: media, modernidade, pensamento da diferença, intersubjectividade, técnica, tecnologia, imaginário trágico, melancolia, comunidade.

The event's hermeneutic power and the media

Singular *fact* and new *meaning*, the event leads, in Quéré, to a discontinuity in time and space, imposing itself to the subjects, to their reasons to act, motives and interests. Nevertheless, by structuring the individual and collective experience, it

is the idea of conciliation that ends up prevailing over the idea of discontinuity. Although a generator of conflict, fight and pain, the event in Quéré supposes a peace to come, in which the conflict is at least suspended. To support his idea, Quéré, adopts the paradigm of intersubjectivity.

I discuss this paradigm by confronting it with the thought of the difference.

Keywords: media, modernity, the thought of the difference, intersubjectivity, technique, technology, tragical imaginary, melancholy, community.